

MANEJO DA INFECÇÃO EM TERAPIA INTENSIVA

Ana Paula Silva de Oliveira¹

¹ Mestranda em Terapia Intensiva

EDITADO POR
Edson Silva-Filho

REVISADO POR
Donato Braz Junior e Juliana
Guimarães

RECEBIDO: 11 de Julho de 2025

ACEITO: 17 de Julho de 2025

PUBLICADO: 22 de Julho de 2025

COPYRIGHT

© 2025. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença de Atribuição Creative Commons (CCBY). O uso, distribuição ou reprodução em outros fóruns é permitido, desde que o(s) autor(es) original(is) e o(s) proprietário(s) dos direitos autorais sejam creditados e que a publicação original neste periódico seja citada, de acordo com a prática acadêmica aceita. Não é permitido uso, distribuição ou reprodução que não esteja em conformidade com esses termos.

RESUMO

A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) é um setor destinado ao atendimento de pacientes que se encontram em estado crítico, com risco iminente de morte ou com necessidade de suporte contínuo e monitoramento intensivo. Nesses ambientes, é comum o uso de tecnologias avançadas e procedimentos invasivos, como ventilação mecânica, cateteres e sondas, os quais, embora essenciais para a recuperação, também elevam o risco de complicações, como as infecções relacionadas à assistência à saúde. O presente estudo tem como objetivo analisar as principais estratégias adotadas no manejo da infecção em unidades de terapia intensiva, com ênfase no papel da equipe de enfermagem na prevenção e controle das infecções relacionadas à assistência à saúde. Trata-se de um estudo de revisão da literatura, realizado a partir de buscas em publicações indexadas nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF), acessadas por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), além da base SciELO. Os estudos apontam que a enfermagem desempenha um papel fundamental na segurança do paciente crítico e observa-se a importância do cumprimento de protocolos, da educação permanente, da vigilância constante e da atuação rápida diante de sinais clínicos. Além disso, o uso de estratégias como bundles de prevenção, monitoramento de dispositivos invasivos e fortalecimento das práticas de biossegurança foram citados de forma recorrente como medidas eficazes no enfrentamento das infecções em ambiente intensivo. Diante dos achados, observa-se que o manejo adequado das infecções em unidades de terapia intensiva depende de uma série de cuidados contínuos, que envolvem desde a correta higienização das mãos até a atenção aos mínimos detalhes nos procedimentos invasivos. A atuação da enfermagem se mostra essencial nesse processo, sendo ela responsável por grande parte das ações de prevenção, identificação precoce de sinais clínicos e aplicação das rotinas de biossegurança.

Palavras-chave: Infecção hospitalar; Unidade de terapia intensiva; Enfermagem.

ABSTRACT

The Intensive Care Unit (ICU) is a sector designed to care for patients who are in critical condition, at imminent risk of death or in need of continuous support and intensive monitoring. In these environments, it is common to use advanced technologies and invasive procedures such as mechanical ventilation, catheters and probes, which, although essential for recovery, also increase the risk of complications such as healthcare-related infections. This study aims to analyze the main strategies adopted in the management of infection in intensive care units, with an emphasis on the role of the nursing team in the prevention and control of healthcare-related infections. This is a literature review study, based on searches of publications indexed in the Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS) and Nursing Database (BDENF) databases, accessed through the Virtual Health Library (BVS), as well as the SciELO database. The studies show that nursing plays a fundamental role in the safety of critically ill patients and highlight the importance of complying with protocols, continuing education, constant vigilance and acting quickly in the face of clinical signs. In addition, the use of strategies such as prevention bundles, monitoring invasive devices and strengthening biosafety practices were recurrently cited as effective measures in dealing with infections in the intensive care environment. In view of the findings, it can be seen that the proper management of infections in intensive care units depends on a series of continuous measures, ranging from correct hand hygiene to attention to the smallest details in invasive procedures. Nursing is essential in this process, being responsible for a large part of the prevention actions, early identification of clinical signs and application of biosafety routines.

Keywords: Hospital infection; Intensive care unit; Nursing.

INTRODUÇÃO

A Unidade de Terapia Intensiva (UTI) é um setor destinado ao atendimento de pacientes que se encontram em estado crítico, com risco iminente de morte ou com necessidade de suporte contínuo e monitoramento intensivo. Nesses ambientes, é comum o uso de tecnologias avançadas e procedimentos invasivos, como ventilação mecânica, cateteres e sondas, pois muito embora sejam importantes para a recuperação, também aumentam o risco de complicações, como as infecções relacionadas à assistência à saúde (Silva; Barros; Silva, 2022).

As infecções hospitalares, também chamadas de infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS), são aquelas que se desenvolvem após a admissão do paciente e que não estavam presentes ou incubando no momento da internação. Elas podem afetar qualquer sistema do organismo, sendo mais comuns as infecções respiratórias, urinárias, de corrente sanguínea e as relacionadas ao sítio cirúrgico (Moraes et al., 2024).

Os dados epidemiológicos apontam que a taxa de infecção em UTIs ainda é alta, mesmo com os avanços na medicina e de acordo com Bittencourt et al., (2024), estima-se que aproximadamente 30% dos pacientes internados em UTIs no Brasil apresentam algum tipo de infecção associada ao cuidado em saúde. Essa realidade impacta não só a qualidade da assistência, mas também a permanência hospitalar, os custos com tratamentos e a sobrecarga das equipes.

A presença de microrganismos multirresistentes nas unidades de terapia intensiva também tem preocupado profissionais da saúde. O uso inadequado de antibióticos, aliado ao tempo prolongado de internação e à fragilidade dos pacientes, favorece o surgimento de bactérias resistentes, dificultando o tratamento e aumentando o risco de desfechos negativos (Ferraz et al., 2024).

Prevenir infecções em unidades de terapia intensiva requer ações organizadas, sistemáticas e constantes. As medidas de prevenção envolvem a higienização correta das mãos, o uso racional de antibióticos, a adoção de bundles de cuidado e a vigilância ativa de casos suspeitos e confirmados de infecção (Sousa et al., 2021).

A atuação da equipe de enfermagem é fundamental nesse processo. Como profissionais que acompanham o paciente de forma contínua, os enfermeiros têm papel direto na aplicação de protocolos de prevenção, na identificação precoce de sinais de infecção e na educação permanente da equipe quanto às boas práticas assistenciais. Além disso, são os enfermeiros que monitoram dispositivos invasivos, orientam acompanhantes e garantem que os cuidados sejam executados com segurança. Além disso, é papel do enfermeiro monitorar os dispositivos invasivos, orientar acompanhantes e garantir que os cuidados sejam executados com segurança (Alves et al., 2024).

A educação permanente das equipes tem se mostrado uma ferramenta importante para a redução das infecções na UTI. Capacitações regulares e baseadas em evidências atualizadas contribuem para mudanças de comportamento, maior adesão às normas de biossegurança e identificação de falhas nos processos de trabalho (Cândido et al., 2024).

Assim, o manejo das infecções em terapia intensiva exige mais do que recursos físicos, envolve organização, conhecimento técnico, comprometimento das equipes e um olhar cuidadoso para o cotidiano do paciente crítico. Com base em experiências clínicas e estudos recentes, percebe-se que a prevenção das infecções na UTI não depende apenas de protocolos, mas também da sensibilidade de quem cuida, da atenção aos detalhes e da capacidade de agir com responsabilidade em cada etapa do cuidado (Silva et al., 2024).

O presente estudo tem como objetivo analisar as principais estratégias adotadas no manejo da infecção em unidades de terapia intensiva, com ênfase no papel da equipe de enfermagem na prevenção e controle das infecções relacionadas à assistência à saúde.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de revisão da literatura, realizado a partir de buscas em publicações indexadas nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF), acessadas por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), além da base SciELO.

Para garantir a abrangência nas buscas, foram utilizados os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “infecção hospitalar”, “unidade de terapia intensiva” e “enfermagem”. Esses descritores foram combinados entre si utilizando o operador booleano AND, conforme estratégia de busca aplicada nas bases consultadas.

Foram incluídos artigos originais publicados entre os anos de 2020 e 2025, em português e inglês, que abordassem o manejo da infecção em unidades de terapia intensiva, com ênfase nas ações da equipe de enfermagem na prevenção e controle dessas infecções. Foram excluídos resumos de eventos, artigos repetidos e publicações que não apresentavam relação direta com a temática proposta.

A pesquisa foi desenvolvida por meio da leitura e análise crítica dos artigos selecionados, com o objetivo de identificar os principais pontos discutidos pelos autores, reconhecendo os

métodos utilizados em cada estudo e comparando diferentes abordagens sobre o controle de infecções em ambientes de terapia intensiva.

RESULTADOS

A tabela 1 de resultados reúne as principais informações obtidas a partir da análise dos artigos selecionados na revisão da literatura. Foram incluídos estudos que abordam diferentes aspectos do manejo da infecção em unidades de terapia intensiva, com foco no papel da equipe de enfermagem na prevenção, controle e resposta frente às complicações infecciosas.

Em geral, os estudos apontam que a enfermagem desempenha um papel fundamental na segurança do paciente crítico e observa-se a importância do cumprimento de protocolos, da educação permanente, da vigilância constante e da atuação rápida diante de sinais clínicos. Além disso, o uso de estratégias como bundles de prevenção, monitoramento de dispositivos invasivos e fortalecimento das práticas de biossegurança foram citados de forma recorrente como medidas eficazes no enfrentamento das infecções em ambiente intensivo.

Tabela 1 – Caracterização dos estudos selecionados.

Autor	Ano	Título	Objetivo	Conclusão
Cândido et al.,	2024	Prevenção e controle de infecções relacionadas à assistência à saúde em Unidade de Terapia Intensiva Adulto: o olhar da equipe de enfermagem	Compreender a percepção da equipe de enfermagem sobre as práticas de prevenção e controle de infecções em UTI adulto.	A equipe reconhece a importância da higienização das mãos, uso adequado de EPIs e educação permanente, mas aponta dificuldades na adesão por sobrecarga de trabalho.
Silva; Barros; Silva	2022	Controle de infecção hospitalar na unidade de terapia intensiva: uma revisão integrativa	Identificar estratégias eficazes de controle de infecção hospitalar em	As ações baseadas em protocolos e a atuação da enfermagem são fundamentais para reduzir taxas de

			UTIs.	infecção.
Bittencourt et al.,	2024	Prevalência e fatores associados ao continuum da sepse em unidade de terapia intensiva adulto	Analisar a prevalência da sepse e os fatores relacionados em UTI adulto.	A sepse está associada ao uso prolongado de dispositivos invasivos e à necessidade de intervenções precoces pela equipe de enfermagem.
Sousa et al.,	2025	Estratégias de prevenção de infecção em unidades de terapia intensiva	Descrever estratégias adotadas na prevenção de infecções em UTIs.	A aplicação de bundles e o monitoramento rigoroso de sinais clínicos são medidas efetivas quando associadas ao comprometimento das equipes.
Alves et al.,	2024	Educação permanente: prevenção de infecções na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica	Avaliar o impacto da educação continuada na prevenção de infecções em UTIs pediátricas.	A capacitação contínua dos profissionais resulta em maior adesão às práticas seguras e redução de infecções.
Morais et al.,	2024	Infecções em pacientes internados por causas externas em Unidades de Terapia Intensiva	Investigar o perfil das infecções em pacientes internados por causas externas.	Pacientes vítimas de trauma apresentam maior risco de infecção devido à gravidade do quadro e tempo prolongado de internação.
Craveiro et al.,	2022	Desafios do enfermeiro na gestão do cuidado da COVID-19 em uma Unidade de Terapia Intensiva Adulto	Relatar os principais desafios enfrentados por enfermeiros durante a pandemia de COVID-19 na UTI.	A sobrecarga emocional e física comprometeu práticas seguras, exigindo reestruturação das rotinas para garantir o controle de infecções.

Munro; Zilberberg; Shorr	2024	Bloodstream Infection in the Intensive Care Unit: Evolving Epidemiology and Microbiology	Analisar a epidemiologia atual das infecções de corrente sanguínea em UTIs.	O aumento de microrganismos resistentes exige vigilância microbiológica e estratégias de controle mais rigorosas.
Silva et al.,	2024	Cuidados intensivos de enfermagem ao paciente com sepse: uma revisão integrativa	Discutir os cuidados de enfermagem direcionados ao paciente com sepse em UTI.	A atuação rápida da enfermagem é fundamental para evitar agravamento do quadro infeccioso.
Souza; Silva	2021	Atuação do enfermeiro na prevenção de infecção de corrente sanguínea em unidades de terapia intensiva neonatal	Analisar a atuação do enfermeiro na prevenção de infecções em UTI neonatal.	O cuidado com dispositivos invasivos e a adesão às normas de biossegurança são determinantes para prevenção.
Silva et al.,	2024	Assistência de enfermagem no controle de infecção hospitalar na unidade de terapia intensiva	Identificar as ações de enfermagem voltadas ao controle de infecção hospitalar em UTI.	A prática baseada em protocolos, aliada à educação permanente, fortalece a segurança do paciente e reduz complicações.

DISCUSSÃO

A prevenção e o controle de infecções em unidades de terapia intensiva têm sido uma preocupação constante entre os profissionais de saúde, principalmente entre os enfermeiros que estão à frente do cuidado direto ao paciente. O estudo de Cândido et al., (2024) mostrou que a equipe de enfermagem reconhece a importância de práticas como a higienização das mãos e o uso correto de equipamentos de proteção individual, mas apontou dificuldades no dia a dia, como a sobrecarga de trabalho, que interfere na adesão a essas medidas.

Na mesma linha, Silva, Barros e Silva (2022) reforçam que o controle das infecções hospitalares depende diretamente do comprometimento da equipe, principalmente da enfermagem. O estudo destaca que é fundamental que os profissionais conheçam os protocolos e saibam aplicar

as orientações nas situações reais da UTI. Eles ressaltam que, muitas vezes, a teoria está bem estabelecida, mas na prática há falhas que podem ser evitadas com organização e atenção.

A sepse é uma das complicações infecciosas mais graves nas UTIs e está fortemente associada ao uso prolongado de dispositivos invasivos, como cateteres e ventiladores mecânicos e o estudo de Bittencourt et al., (2024) apontam que a atuação da equipe de enfermagem é fundamental na prevenção desses quadros, já que são os profissionais responsáveis por monitorar os sinais vitais e perceber precocemente qualquer mudança no estado clínico do paciente.

Sousa et al., (2025) reforçam que a aplicação de estratégias padronizadas, como os chamados bundles de prevenção, têm contribuído para a redução das taxas de infecção. Essas medidas envolvem etapas simples, como a troca de curativos em intervalos definidos e o controle rigoroso da asepsia, mas precisam ser seguidas com regularidade. Para isso, o envolvimento de toda a equipe é fundamental e a enfermagem tem papel direto na condução dessas práticas.

A importância da educação permanente também foi destacada por Alves et al., (2024), que avaliaram o impacto da capacitação contínua dos profissionais em uma UTI pediátrica e observaram que, ao participar de treinamentos frequentes, os enfermeiros passaram a ter maior cuidado com os procedimentos invasivos e melhoraram a adesão aos protocolos de prevenção. Isso mostra que investir em conhecimento traz resultados práticos no cuidado ao paciente.

Em UTIs com pacientes que deram entrada por causas externas, como acidentes ou violência, o risco de infecção é ainda maior. Morais et al., (2024) mostraram que esses pacientes geralmente chegam em estado grave, com múltiplos ferimentos, o que aumenta a chance de complicações infecciosas. O estudo alerta para a importância de um cuidado ainda mais atento nesse grupo, desde a admissão até a alta.

Durante a pandemia de COVID-19, os desafios para o controle de infecções foram intensificados. Craveiro et al., (2022) relataram que os enfermeiros enfrentaram exaustão física e emocional, e isso acabou impactando negativamente na execução das práticas de segurança. No entanto, mesmo diante das dificuldades, os profissionais buscaram alternativas para manter os cuidados e garantir a segurança dos pacientes e da equipe.

O crescimento de microrganismos resistentes dentro das UTIs é um problema que preocupa cada vez mais. Munro, Zilberberg e Shorr (2024) destacam que as infecções de corrente sanguínea, causadas por bactérias resistentes, exigem mudanças na forma como se conduzem os

tratamentos. A atuação da enfermagem no controle de acessos venosos e no cuidado com os cateteres tem impacto direto nesse cenário.

Além disso, Silva et al., (2024) enfatizam que, no caso específico da sepse, a rapidez da resposta da equipe de enfermagem pode fazer a diferença entre a vida e a morte. O reconhecimento precoce dos sintomas e a comunicação imediata com a equipe médica são ações que influenciam no desfecho do paciente, reforçando a importância de uma equipe bem treinada e atenta.

Para Souza e Silva (2021) e Silva et al., (2024) o cuidado com os dispositivos invasivos, que são fontes comuns de infecção, principalmente em neonatos e pacientes imunossuprimidos é fundamental. Eles apontam que a enfermagem precisa manter atenção redobrada no manuseio desses dispositivos, seguindo as recomendações de biossegurança à risca para reduzir riscos.

CONCLUSÃO

Diante dos achados, observa-se que o manejo adequado das infecções em unidades de terapia intensiva depende de uma série de cuidados contínuos, que envolvem desde a correta higienização das mãos até a atenção aos mínimos detalhes nos procedimentos invasivos. A atuação da enfermagem se mostra fundamental nesse processo, sendo ela responsável por grande parte das ações de prevenção, identificação precoce de sinais clínicos e aplicação das rotinas de biossegurança. O conhecimento técnico, aliado à experiência prática, faz da equipe de enfermagem um pilar no enfrentamento das infecções relacionadas à assistência.

Além disso, a literatura reforça que a educação permanente e a adesão aos protocolos de segurança são estratégias que fortalecem a qualidade do cuidado e reduzem significativamente os riscos aos quais os pacientes críticos estão expostos. Mais do que seguir normas, é necessário desenvolver uma cultura de responsabilidade e compromisso com a segurança do paciente. Assim, conclui-se que o controle das infecções em UTIs não depende apenas de recursos físicos e tecnológicos, mas do olhar atento, do cuidado diário e da dedicação das equipes que estão na linha de frente da assistência.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. C. R. et al. Educação permanente: prevenção de infecções na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 47, e16563, 2024.

BITTENCOURT, C. M. et al. Prevalência e fatores associados ao continuum da sepse em unidade de terapia intensiva adulto. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 13, e5743, 27 set. 2024.

CÂNDIDO, T. L. et al. Prevenção e controle de infecções relacionadas à assistência à saúde em Unidade de Terapia Intensiva Adulto: o olhar da equipe de enfermagem. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, Uberlândia, v. 24, n. 7, e16260, 2024.

CRAVEIRO, K. L. et al. Desafios do enfermeiro na gestão do cuidado da COVID-19 em uma Unidade de Terapia Intensiva Adulto. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 6, e58211629438, 12 maio 2022.

MORAIS, R. L. G. L. et al. Infecções em pacientes internados por causas externas em Unidades de Terapia Intensiva. **Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção**, v. 14, n. 1, maio 2024.

MUNRO, C.; ZILBERBERG, M. D.; SHORR, A. F. Bloodstream Infection in the Intensive Care Unit: Evolving Epidemiology and Microbiology. **Antibiotics**, v. 13, n. 2, 123, 2024.

SILVA, B. M. et al. Assistência de enfermagem no controle de infecção hospitalar na unidade de terapia intensiva. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 10, p. 5373–5386, 29 out. 2024.

SILVA, D. D.; BARROS, M. C.; SILVA, L. S. R. Controle de infecção hospitalar na unidade de terapia intensiva: uma revisão integrativa. **Nursing Edição Brasileira**, v. 25, n. 294, p. 8970–8981, nov. 2022.

SILVA, I. K. M. et al. Cuidados intensivos de enfermagem ao paciente com sepse: uma revisão integrativa. **Enfermagem Brasil**, v. 23, n. 1, p. 1453–1462, 29 out. 2024.

SOUSA, M. F. P. et al. Estratégias de prevenção de infecção em unidades de terapia intensiva. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 11, n. 5, p. 2250–2263, maio 2025.

SOUZA, R. S.; SILVA, A. D. A. E. Atuação do enfermeiro na prevenção de infecção de corrente sanguínea em unidades de terapia intensiva neonatal. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, v. 2, n. 4, p. 74, 25 nov. 2021.